

portuguesa” (O’Neill), reúne, em diapasões vários, o como fazer da arte do soneto entre nós.

O autor de *A Secreta Viagem* (1950) escreve o soneto sob o magistério de certo Bocage, exaltando a lira primaveril (“Última Face”, de 1948), numa musicalidade impecável de balada. Em “Soneto amargo do convívio humano” afloram o remorso e a culpa como temas a aprofundar. Sem desprezar o amor venal (“Soneto dos quartos de alguer”), ou, em obras de maturidade, o amor aprisionante (“Soneto do Cativo”), Mourão-Ferreira tem nos sonetos de *Infinito Pessoal* (1962), a mais bela expressão poética de novecentos em soneto – leia-se “Ternura”. Gradualmente, o soneto davidiano evolui para textos sem pontuação, mais violentos (“Ó deusa Ó puta Ó mãe Ó assassina”). Em *Matura Idade* (1972) tece-se a secção de ouro da sua lira de fogo, intitulada “Os Sonetos” e de que o soneto “E por vezes” é o imo.

De Natália Correia é impossível não lembrar Sonetos Românticos (1990), cúpula do seu edifício poético, homenagem à dicção de Antero. O poeta é aí o “Mensageiro da solução integral” que “Cr[ê] nos anjos que andam pelo mundo” numa arte métrica arquitetural. Alexandre O’Neill é autor de alguns dos mais prodigiosos sonetos (“Auto-Retrato”: “O’Neill (Alexandre), moreno português”), diatriba à Bocage, a par do inesquecível “Perfilados de medo”. Sonetos onde se alia a liberdade surrealista à tradição popular, sarcasmo e lirismo leem-se no metapoético “Catorze versos”, a partir de Lope de Vega, em jeito de auto-ironia. José Carlos Ary dos Santos (1936-1984) fez também o seu “Autorretrato” e ombreia em *Foto-Grafias* (1979) e *O Sangue das Palavras* (1978) com os maiores cultores. O conjunto “Sonetos de amor e luta” mostram a paleta rica e diversa dos seus ritmos e imagens. Ary, que projetou, no fim da vida, 35 sonetos – com texto de Manuel Gusmão – é referência obrigatória.

DOS ANOS DE 1960 IMPORTA DESTACAR Ruy Belo (1933-1978), cujo soneto “Nós, os vencidos do catolicismo” é a síntese da crise pós-Concílio Vaticano II. Há sonetos que espelham o sujeito agónico beliano, seja em “Quasi Flos” (de *O Problema da Habitação* – alguns aspetos, 1962), seja no livro existencialista *Boca Bilingue* (1966). “Ce funeste langage” é uma radical operação transgressiva com esquema rimático invulgar: ABABDCDEFEGHG. A sequência “Variações sobre o ‘Jogador do pião’”, de labiríntica tessitura sintática, é o auge do soneto em Belo, aí se questionando as condições de possibilidade deste género. “Uma vez que já tudo se perdeu”, “E tudo era possível”, “Meditação Magoada”, exprimem, em clave neo-antieriana, as grandes tensões espirituais do autor de *Toda a Terra* (1976), que no “Soneto Superdesenvolvido” ou em “Eu vinha para a vida e dão-me dias” comprova a sua sargeza.

No quadro de renovação linguística e de confrontação com a tradi-

ção do simbolismo-modernismo e revisitação de Camões, que é a década de 60, outros cinco poetas devem referir-se: Manuel Alegre (1936), Fernando Assis Pacheco (1937-1995), Luiza Neto Jorge (1939-1989), Gastão Cruz (1941) e Vasco Graça Moura (1942-2014). A máquina versificatória de Alegre, desde *Praça da Canção* (1965) até volumes recentes como *Vinte Poemas para Camões* (1992), e *Sonetos do Obscuro Quê* (1993), percorre toda a lírica tradicional, da medida velha à medida nova. O soneto ocupa um natural lugar de eleição. Livro mítico, cantado e glosado, em *Praça da Canção* o soneto é corda tensa nas anáforas e melopeia inatacáveis de “É preciso saber porque se é triste”. No livro de 1993 os “cinco sonetos da selva escura” e os dedicados a alguns poetas (Pound, Lorca, João

“Conhecimento da Amada” e o irónico-épico-familiar “Soneto aos Filhos” são, com o soneto “As putas da avenida”, de cesárica inspiração, e com os nove sonetos de *Respiração Assistida*, prova da verve deste enorme poeta. José Sesinando (1923-1995), próximo de O’Neill e algum Assis, dá-nos 50 sonetos-variações do pessoano “Olha, Daisý, quando eu morrer tu hás de”, apostando no ca-lão e giria, maneiras de tecer “versos do mais puro modernismo”.

Expressão dum surrealismo vigilante que caracteriza *Poesia 61*, Luiza Neto Jorge é autora de dois sonetos canónicos, “So-Neto Jorge, Luiza” e “Minibiografia”. Aquele, com léxico selecionado, estranho na composição frásica (“A silabar que o poema é estulto/ o amado abre os dentes e eu deslizo”) e este, exemplo

país no mapa”, “A pequena cidade”, “A poesia depende da memória” (de *Crateras*, 2000). O Soneto “Gravura”, de *A Moeda do Tempo* (2006), define o poeta como “ourives-gravador”.

Em Vasco Graça Moura (1942-2014), os sonetos são variações, traduções, adaptações de autoridades/ autorias várias, com Shakespeare em primeiro plano. Mas vale a pena sublinhar que, logo em 1965, o soneto comparece na estreia com *Modo Mudando*, dotado de uma força articulatória. O soneto é mecânico, com linguagem batida, num repentismo que sinaliza a destreza de VGM: “assim a palavra se prestasse/ ao jade ao jogo ao jugo de uma toda/ arte poética e nunca ripostasse/ em golpes repentinos de judoka”. É a lição de David que o poeta de *Semana Inglesa* reivindica seja nos sonetos intimis-

e o engenho dos sonetos de 1993, de *Viagem de Inverno*, onde dramaticamente estão Valéry, Pessanha, Ângelo de Lima, Pessoa. *O Jogo de Fazer Versos* (1994) ou *Modos de Música* (1996) trazem à cena da escrita Baudelaire, “Sarajevo” e o “Fin de Siècle”, fabricando-se uma arte de estatúria sonetística que reenvia a Horácio.

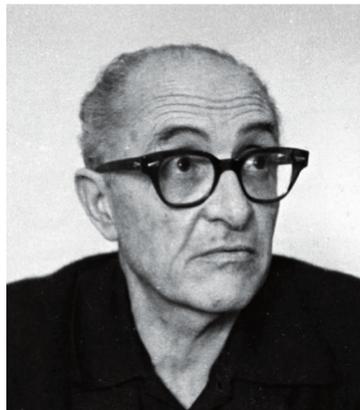
NUNO JÚDICE, EM O BREVE SENTIMENTO DO ETERNO (2008)

constrói um território outro da sua poesia. O soneto é a forma escolhida para um livro breve, mas onde a profundidade da análise de estados de alma, a descrição de paisagens, a projecção de ficções, conduzem-nos a momentos de ponderação sobre o que é o soneto (“Lógica”), dentro da vida (“Jogo a vida na mesa do poente/ umas vezes a frio, outras a quente”). Esquemas invertidos, sonetos sem rima, outros com obediência à convenção italiana, Júdice teve o cuidado de mostrar a caligrafia dos versos – o soneto riscado, emendado, trabalhando nas páginas par desse livro ímpar.

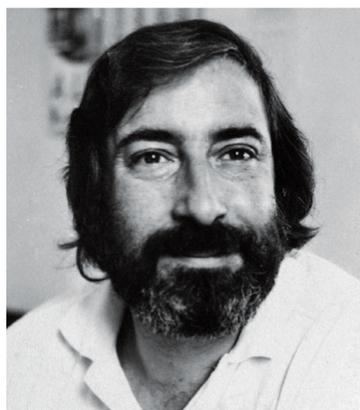
Arte difícil, medida, mas adaptável a cada idioleto, 52 sonetos de António Franco Alexandre em *Duende* (2002), enigmáticos, com mancha gráfica a lembrar o modelo inglês são exemplares; tal como os sonetos de Eduardo Guerra Carneiro (1941-2004), em *Contra a Corrente* (1988), violentos, dialogais, com evocações a Ruy Belo, Ruy Cinatti, Luís Veiga Leitão; sem esquecer os sonetos de Manuel de Castro (1934-1971) de que lembro “A poesia exige um corpo predisposto” ou o livro de João Rui de Sousa (1928) em *Sonetos de Cogitação e Êxtase* (1994), ou a arte de Fernando Echevarría nos mais diversos volumes da sua etensa obra.

A. M. Pires Cabral (1941), em *Arado* (2009), ou, de 2008, *As Têmporas da Cinza*, escreve o soneto invertendo-lhe a ordem das estrofes, e sabotando o ritmo tradicional, tal como o fazem José Alberto Oliveira (1954), relevantíssimo nome da poesia atual, em *Tentativa e Erro* – poemas escolhidos e inéditos (2011) ou Maria Rosário Pedreira (1959), subversora sagaz do soneto, mestre da dicção musical aliada à funda pesquisa da psicologia dos amantes. João Luís Barreto Guimarães (1967) considera-o hoje, consensualmente, mestre do soneto estranho, corpo movente, não se fixa em espartilho algum, assim divergindo de Fernando Pinto do Amaral (1961), mais fiel à convenção.

Margarida Vale de Gato (1973) e Daniel Jonas (1973) são especialmente importantes pelo que no contexto da minha geração – a nascida nos anos 70 – pouco dada à escrita em esquemas formais rígidos, trazem à arte sonetística. *Sonótomo* (2007) é um dos grandes livros deste século com rima arrancada a ferros sem comprometer a fidelidade à forma. Margarida Vale de Gato, por seu turno, lembra nos ritmos sincopados, nos transportes, a cadência de Luiza Neto Jorge: “nem sempre é garantido que não tremam/ na funâmbula corda que mantenho/ entre a pulsão e o amor; se tenho/ querido voltar para cima o poema” (in *Lançamento, douda correia*, 2016). **JL**



Sena, David e Natália Correia Dos sonetos camonianos aos sonetos românticos



Assis, Vasco e Gastão Cruz No quadro de renovação linguística e de confrontação com a tradição

Cabral, Herberto, Pessoa), revelam a perfeição de um estilo culto; sonetos que exploram com lira nova o camoniano sentir do mundo, seja em dicção metapoética (“As Mãos”), seja em auto-referencial chave de leitura (“E alegre se fez triste”).

Fernando Assis Pacheco, que como Alegre está ligado ao “Cancioneiro Vértice”, tem em *Cuidar dos Vivos* (1963) o primeiro grande poema da Guerra Colonial. “Há um veneno em mim que me envenena” é o símbolo incómodo dessa guerra fratricida, tema maior que Assis reformula em livros posteriores em torno do “quotidiano-não”: “Os Padrinhos Morreram Todos”, “Soneto contras as pesporrências”, de *A Profissão Dominante* (1982), ou, de *Variações em Sousa* (1987), “Louvor do Bairro dos Olivais” ou

de afirmação numa biografia extrema e extremada. Mas, desse grupo de 61, é Gastão Cruz (1941) quem, ao longo de toda a obra, de 61 até 2017, com *Existência*, abraça o soneto e o transforma em corpo transgressivo, com mudanças rítmicas e saltos sintáticos exigentes. Antes de *As Aves* (1969), já o soneto comparece nos livros de Gastão, ainda que seja este o livro a que muitos leitores vão aderir no final da década. Guerra, asfixia, Camões, tudo se fixa sob o ominoso “Outono do amor que folhas moves”. São mais de meia centena os sonetos na obra de Gastão Cruz, alguns essenciais para compreender a sua poética: “Imagens que passais pela retina” (de *Campânula*, 1978); “Caos” (de *As Leis do Caos*, 1990); “A Luz do Poema” (de *As Pedras Negras*, 1995), ecoando Nerval e Antero; “Um

tas de *O Mês de Dezembro e outros poemas* (1976), seja nos maleáveis e sensuais de *Nó Cego*, *O Regresso* (1982), e destes ao clímax sonetístico de *Sonetos Familiares* (1994). *Variações Metálicas* (2004) contempla sonetos de oblíquas referências transliterárias onde ecoam Pessanha, Pessoa, Camões, Sena, Benn. Os “Cinco sonetos íntimos” fecham uma arte atentíssima ao modo mutável desta forma de sempre.

Entre os anos 70 e 90 assiste-se a uma retração da arte do soneto na poesia portuguesa. Há, porém, exceções: Nuno Júdice (1949) e Luís Filipe Castro Mendes (1950) permanecem atentos a essa composição. Em *A Ilha dos Mortos* (1991), Luís Filipe regressa ao mestre “Antero de Qental” e a série “Quatro Sonetos”, ora clássicos ora em transgressão formal, indiciam a agudeza